

Identidades Sociais e Territórios Intersticiais na Contemporaneidade.

Anamaria Morales – doutoranda do PPGA-FFCH /UFBA

A presente comunicação se propõe a uma reflexão de natureza teórica , visto que meu trabalho de campo sobre os “nômades contemporâneos” residentes em Salvador, que selecionei para estudo, está ainda iniciando. Indagar sobre a lógica das migrações pós-modernas, sobretudo as que aparentam compor um novo fluxo na busca por benefícios, já não restritos à racionalidade econômica , partindo "do 1º para o 3º mundo", motivou a investigação. Como pano de fundo, a constatação da multiplicidade de “zonas de contato” físicas e virtuais criadas na atualidade. Seria o seu movimento um reflexo das interconexões culturais no espaço e do que Hannerz chamou de “reorganização da diversidade cultural no mundo”, que palpitam sob o influxo de novas mobilidades e nomadismos ? As peças se movem no tabuleiro com estratégias inusitadas, eludindo as regras estabelecidas e instituindo outras legitimidades.

Se aceitamos a metáfora dos fluxos para representar a dinâmica econômica e cultural do mundo contemporâneo, não podemos escapar à questão da resignificação dos espaços físicos e simbólicos e de suas fronteiras , que a acompanha. A mobilidade virtual e concreta tornou-se a marca do “tempo que destrói o espaço”, nas palavras de Harvey (1989), desencaixando as peças do quebra-cabeças cultural que se recompõe sob formas inéditas.

Novas territorializações simbólicas se gestam, associadas a identidades negociadas e construídas no embate cotidiano de indivíduos e grupos. A migração , vista como “doce desterritorialização” e não necessariamente como exílio , movida pelo desejo de agência, comporta a dimensão criativa da aventura e da “busca por outro lugar” e pelo Outro (Maffesoli, 2001). A política das identidades torna-se o jogo das “cartas na manga” dos grupos sociais e o hibridismo se conjuga com a errância e o enriquecimento cultural.

A associação da globalização à constituição de fluxos, redes e de identidades múltiplas como processos paralelos à desterritorialização, na contemporaneidade, tem gerado novas metáforas no campo das Ciências Sociais, opondo a estabilidade e a fixidez (o conhecido) às mobilidades e à travessia de fronteiras (o diverso). Estudiosos

de novos fenômenos sociais como Z. Bauman, S. Hall, A. Tarrius e M. Maffesoli , entre outros, voltam sua atenção para os “nomadismos contemporâneos” – migrações, diásporas, viagens, cruzamento de fronteiras territoriais e sua articulação com a identidade social dos atores, seus efeitos políticos e existenciais.

Diante de uma mobilidade material e simbólica reconhecida como sem precedentes e extensão, antropólogos aproximam suas lentes a um indivíduo (pós*)moderno que vivencia sistemas de valores diferenciados e heterogêneos , confrontado com um processo permanente de demarcação de fronteiras e elaboração de identidades sociais (Velho,G. 1994). Hannerz sugere que as identidades pessoais são moldadas por peculiaridades da biografia sob o influxo de diversificadas correntes de cultura. Identidades pessoais e sociais se interpenetram – até que ponto , indaga Velho, a participação de um estilo de vida e em uma visão de mundo implica na adesão a uma identidade social

?

(*

acréscimo meu)

Tratando-se da questão identitária, Bauman aponta que as forças da globalização realocam as pessoas e destroem suas identidades sociais e que cabe aos indivíduos conquistá-las com seus próprios recursos. A “construção de si” torna-se então uma tarefa individual, na ausência de um projeto político coletivo abrangente. Ao mesmo tempo, o autor reconhece na Política das Identidades a linguagem dos marginalizados pela globalização (Bauman, 2005). A idéia de “perda” da identidade social não é, a meu ver (salvo em casos extremos de banimento, exclusão ou patologia de indivíduos ou grupos), aplicável ao contexto contemporâneo. O que assistimos hoje teria mais bem a ver com processos de combinação ,deslocamento e reposição de identidades - as “identidades híbridas” comentadas por Hall e Canclini .

Hannerz vê na política das identidades, como no multiculturalismo, uma concepção de cultura como marcador de grupos, para sua formação e mobilização. Concordando com Barth, para quem a etnicidade (afirmação do mesmo) é sobretudo uma questão de organização social ; i.é. o pertencimento a um grupo étnico, do ponto de vista da identidade social, pode ser “uma coisa ou outra”, estar dentro ou fora, conduzindo à

demarcação simbólica das identidades sociais. Implícita aí está a escolha , movida pela agencia individual ou grupal, de pertencer ou exibir tal ou qual traço de diferenciação.

- Conseqüências da Pós-Modernidade , para uns e outros.

Diferentes autores concordam que a Modernidade pautou-se pela uniformização e o controle; buscou estabelecer a ordem das coisas, codificar, identificar e domesticar as massas pelo trabalho e residência. Tal fixação, identitária e física, teria possibilitado a dominação e constituído a violência totalitária moderna – a fantasia do UNO - feita às pessoas e à natureza (Maffesoli,2001:23-25).

Na Era Moderna se teria dado a liberação da tradição e de seus dogmas, cedendo lugar à confiança nas instituições sociais - a “sociedade como árbitro”, enquanto na era pós-moderna estaríamos assistindo à liquefação das estruturas e instituições (Bauman, 2005). Na visão de Bauman, a fluidez, a atopia, as identidades construídas e instáveis, as fronteiras relativizadas pelo capitalismo pós-industrial avançado e o individualismo, seriam as feições distintivas do pós-moderno. Cita Maffesoli e Attali , reiterando sua visão filosófica da sobrevivência no mundo atual, que se apresenta para eles como um “território flutuante, ao qual só se adaptam coisas ou pessoas fluídas, ambíguas, em estado de constante transgressão” (Bauman,2001:238).

É com referência às transformações em curso na contemporaneidade que as avaliações tomam rumos diversos. Nomeia-se como “ideólogos da pós-modernidade” os que concebem uma “aldeia global” onde não se diferencia realidade e imaginário, em que identidades se desvinculam de tempos, lugares e tradições, criando um deserto esvaziado de valores e referências estáveis. Fala-se de uma realidade estetizada, com o acúmulo de signos, imagens e simulações por meio do consumismo, levando a uma “desordem cultural” e a uma “indiferença por excesso” (Featherstone,1995; Lipovetsky,1983; Hall,2000; Bauman,1996 Apud Gruman,2007).

O objetivo da vida seria a busca incessante de novas e efêmeras experiências e valores fluídos face a opções múltiplas, gerando ansiedade e alienação nos indivíduos. À globalização associa-se, por outro lado, o potencial de homogeneização cultural, propiciada pela difusão midiática e tecnológica informatizada no mercado global de

bens e símbolos. Diante de tal profusão, esmaecem as fronteiras identitárias e o indivíduo pós-moderno é engolfado por uma cultura do presente, tornando-se um acumulador de sensações, distanciado dos “outros” próximos.

Em contraposição aos que vêem os indivíduos pós-modernos dessocializados, buscando refúgios em territórios próprios e soluções privadas para problemas socialmente produzidos, que tem por efeito a “desintegração do conflito social em uma multiplicidade de confrontos intergrupais” (Bauman,2005:50), há os que apostam na criatividade e vitalidade culturais propiciando a agência individual e coletiva.

- A metáfora do “fluxo” e a organização global da cultura.

Como pensar a dinâmica da cultura no caudal de processos globais inéditos, sem recorrer às novas metáforas em termos de mobilidade, de redes e de fluxos ? Ao examinar palavras-chave para uma antropologia transnacional, Hannerz aponta a noção de fluxo, em sua dimensão temporal, como valiosa para uma compreensão da cultura como processo. Destaca a multicentralidade, os fluxos entrecruzados e os contrafluxos- uma nova organização global da “cultura em movimento” (Hannerz,1997:3,4).O termo fluxo visto como metáfora geradora que suscita múltiplos desdobramentos.

O autor observa que se “fluxo” sugere continuidade e passagem, “limites” tem relação com descontinuidades e obstáculos, com a demarcação das identidades sociais. Entretanto, concorda com Barth na formulação do pluralismo cultural em termos de correntes simultâneas e não de etnicidade e com sua concepção de limites como “algo através do que se dão contatos e interações”.

Hannerz ressalta as dificuldades da noção de limite, quando aplicada às evidências da diversidade cultural contemporânea; e recorrendo a metáforas geográficas, a aproxima de noções como fronteira e zona fronteira. Destaca o tema da fronteira como uma determinada forma histórica de globalização - a expansão e colonização européias de outras regiões do mundo. Nas Américas, na Austrália e na África do Sul, a fronteira marcava “o que tinha importância e o que não tinha - a terra selvagem” (Hannerz, 1997:7). Analogamente, porém em oposição, se concebermos a migração de

significados e valores alargando fronteiras na atualidade, tornar-se difícil imaginar territórios destituídos de importância , econômico-social ou simbólica.

Concebendo “fluxos culturais através das distâncias” cada vez mais polimorfos, em que a cultura se move por correntes mais específicas- do fluxo migratório, fluxo de mercadorias e fluxo da mídia, ou de suas combinações, Hannerz observa que ela (a cultura) introduz uma gama de modalidades perceptivas e comunicativas que diferem na maneira de fixar seus próprios limites, em uma distribuição descontínua entre pessoas e pelas relações. Sugere que o que já sabemos sobre a aquisição cultural , como contrapartida da difusão cultural, nas dimensões cognitiva, motivacional, situacional, institucional e outras, poderia ser aplicado ao estudo da migração de significados a longa distância (Hannerz,1997:6).

Se a marca da dinâmica cultural contemporânea é a heterogeneidade e a da sociedade a fragmentação, essas dimensões novas , observa G.Velho, põem em xeque todas as concepções de identidade social e consistência existencial em termos amplos (Velho,G., 1994:48). A problemática da fragmentação gerada pela multiplicidade de referências aparentemente contraditórias (em termos de grupos e atitudes) se impõe como um indício da pós-modernidade. Nesse contexto, o conceito de “projeto” proposto por Velho se tornaria o instrumento básico de negociação da realidade com outros atores, indivíduos ou coletivos- “existe fundamentalmente como meio de comunicação, como modo de expressar e articular interesses, objetivos, sentimentos, aspirações para o mundo”(Velho,G., 1994: 97,103).

A acessibilidade à informação e a negociação da realidade pelos atores sociais que marcam o mundo atual, demandam uma re colocação da questão das fronteiras políticas, sociais e simbólicas em presença dos fluxos, mobilidades e hibridez contemporâneos.

Maffesoli ressalta que a tecnologia da comunicação permite viver coletivamente experiências culturais, religiosas e sexuais próprias da aventura existencial, compondo um enriquecimento cultural ligado à mobilidade. Identifica no desejo de errância um pólo essencial de qualquer estrutura social, enquanto desejo de rebelião contra a funcionalidade, a divisão social do trabalho e a especialização. Ao nomadismo associa a

expressão do sonho de aventura contra o embrutecimento do que está instituído- o cinismo econômico, a reificação social e o conformismo intelectual ; e vê o tema da fronteira na constituição do imaginário coletivo:a procura do Eldorado (Maffesoli, 2001:30,32,41).

- Da Antropologia Transnacional às Antropologias do Movimento e das Fronteiras.

Novas propostas teóricas tem surgido na Antropologia para abarcar os fenômenos contemporâneos identificados como fluxos, mobilidades e hibridez, entre as quais a Antropologia das Fronteiras (Alvarez Jr.,1995) e a Antropologia do Movimento (Tarrius, 2000). Em ambas vemos o empenho em capturar configurações territoriais inéditas, não caracterizadas pelo espaço físico, associadas às migrações contemporâneas e que introduzem algo novo, enquanto áreas de liminaridade.

A Antropologia da fronteira (Rosaldo,1988; Kearney,1991) descreve para além da fronteira política , uma fronteira metafórica, compreendida como zona cultural entre “lugares estáveis”, espaço lúdico e liminar. Áreas de fronteira definidas como zonas ou territórios intersticiais, que demandam agilidade cultural e certa “deculturação” – despojar-se de uma sobrecarga de cultura para ganhar liberdade de movimento. O que o paradigmático mestiço da América Central (descrito por Wolf,1959 e citado por Hannerz) entre outros tantos migrantes contemporâneos, ilustram com sua vida errática e sua capacidade de adaptar-se e improvisar.

Nas zonas fronteiriças , aponta Hannerz, há espaço para a ação (agency) no manejo da cultura. São cenários cheios de vida, mas não completamente seguros. “A liberdade da zona fronteiriça é explorada com mais criatividade por deslocamentos situacionais e combinações inovadoras, organizando seus recursos de novas maneiras, fazendo experiências” (Hannerz,1997:8) As microfronteiras exemplificam, por outro lado, os espaços intermediários onde pequenos grupos de pessoas, exiladas de suas comunidades de origem, se encontram para formar os princípios de uma nova sociedade. Na África , estudada por Kopytoff, as fronteiras continuam a ressintetizar culturas, observa o autor (Kopytoff, I ,1987 Apud Hannerz,1997).

A Antropologia do Movimento (Tarrius, 2000) chama a atenção para os territórios circulatorios, as identidades híbridas e o cruzamento de fronteiras simbólicas e sociais. Enfatiza o desafio às estabilidades por parte dos “nômades” contemporâneos, afirmando que as travessias no espaço são sempre travessias das hierarquias sociais. Trata-se de captar a complexidade das reorganizações de posições que expressam as habilidades para atravessar os universos de normas : novas proximidades passageiras e parciais que permitem aos indivíduos extrapolar o apego à etnicidade , compactuar com múltiplas diversidades de crenças, convicções e costumes. A identidade se fracciona então em múltiplos atributos.

Na perspectiva de Tarrius a volta dos cosmopolitismos é o que desperta interesse, não como justaposição de coletividades estrangeiras, mas como uma sinergia entre vastas circulações e encontros das diferenças em uma coesão aparentemente paradoxal, por nunca ser alcançada pela ordem dos Estados-nação. Propõe identificarmos a dimensão da mudança significada pelas tensões do social que introduz a complexidade, momentos de manifestação de crises (gerais/ setoriais/ locais) que revelam resoluções inomináveis- o excêntrico, o diferente, o entre-dois, o marginal, o subterrâneo, o minoritário, o não-oficial, o mestiço- que, segundo o autor, proporcionam melhor informação sobre as transformações das formas sociais do que o estável, o identificável, o estabelecido. (Tarrius, 2000:40)

Destacando acontecimentos contemporâneos que expressam essas transformações, este autor vê o surgimento de coletividades em que os critérios de identificação dos indivíduos, as hierarquias, se ligam às temporalidades, fluidez e mobilidades e à capacidade circulatoria de cada um. Ressalta o fato de que a ordem que se apresentou como edificadora das legitimidades das identidades - o vínculo com o lugar e o sedentarismo- perde importância. E sobretudo aponta uma mudança nas relações entre identidades e alteridades, que adotam direções transversais em relação às diversas estratificações sociais e econômicas. (Tarrius, 2000:40)

Tarrius propõe uma nova perspectiva: O tempo organiza o espaço. Critica os trabalhos sobre mobilidades que se restringem à problemática dos trajetos, da acessibilidade física. Os tempos aí reduzidos a durações, apresentadas como atributos do espaço. Sugere que consideremos as temporalidades como elementos fundadores da

mobilidade espacial: fluxos, tempos, ritmos, seqüências que expressam as continuidades e descontinuidades constitutivas dos processos de transformação social. Os mesmos que organizam os percursos em trajetórias que expressam histórias de vida, mas também se articulam em destinos coletivos. (Tarrius, 2000:47)

Em cada lugar de instalação destas comunidades as centralidades locais são transtornadas, segundo o autor, ao serem ignoradas pelos “nômades”. A definição de território circulatório enfoca mais as territorialidades que os assentamentos, na qual os comportamentos das populações móveis devem ser reconhecidos como fundadores de novas legitimidades sociais. A memória compartilhada, que permite afirmar uma identidade circulatória, é extensiva tanto quanto os territórios das circulações, assinalando não a importância dos lugares de residência e sim os momentos de negociação que permitem avançar em suas iniciativas, atravessar mais diferenças, como tantas circunstâncias fundadoras (recordemos o MST , as favelas e invasões urbanas). (Tarrius, 2000:55)

Face a essas novas configurações , pode-se dizer que estamos diante da socialização dos espaços segundo lógicas de mobilidade. É possível então aproximar os “territórios circulatórios” identificados por Tarrius , dos “territórios intersticiais” apontados por Hannerz, como metáforas para zona de contato. O que elas tem em comum ? Em ambas o espaço constitui um objeto social e nos remete à noção de ritmos de vida social que “caracterizam a organização dos intercâmbios gerais de diversas populações em marcos espaciais usuais”.

- Mesmo o mesmo se torna diverso.

Cena 1: Caminhando por uma rua de terra que margeava um rio encachoeirado na Serra do Cipó, MG, me deparei com um morador local de enxada na mão, capinando as margens do caminho. Ele interrompe a tarefa por alguns momentos para falar pelo celular. Algo nessa cena me surpreende , como se estivesse fora de lugar. Talvez dois objetos carregados de significação tão diferenciada – a enxada e o celular, representando mundos distanciados no imaginário social, fosse a causa.

Cena 2: No trajeto para o lugar da cena 1, esperei duas horas para uma conexão de ônibus locais em um lugarejo de poucas ruas e me surpreendi ao saber que havia , sim,

uma lan-house por ali. Por R\$1,50 a hora , tive ao meu lado jovens desse lugar isolado que vinham acessar seu MSN e abrir as janelas para o mundo. (No aeroporto de BH ,a hora de acesso à Internet valia R\$ 15,00)

Me pergunto se será possível continuar sendo o mesmo depois do celular e da Internet ao alcance da mão . As interconexões culturais tornaram-se ilimitadas. Localmente se reproduzem, em pequena escala, padrões de trocas econômicas e simbólicas em constante transformação em uma dimensão global. Nada pode ser mais o mesmo , já não somos os mesmos. De uma geração à seguinte, ao menos no raio de alcance da “cultura ocidental”, não manejamos com o mesmo significado os aspectos identitários de família, etnia, região ou nação. No mercado cultural globalizado, produtos e valores são compartilhados através das fronteiras e apropriados por sujeitos coletivos e individuais como instrumentos estratégicos de posicionamento social e político.

Não se pode efetivamente fechar os olhos para os mecanismos de separação e hierarquização operando no cenário social, entretanto a heterogeneidade cultural não favorece a cristalização do “mesmo”, da referência estável. Ellen Corin utiliza a metáfora das “margens atualizando o centro” para referir-se ao modo como as estabilidades de crenças, normas e instituições são subvertidas por atores que articulam “códigos de 2ª ordem”, jogos de significados produzidos pelos sujeitos nas margens. Trata-se de discursos contra-hegemônicos intervindo no sistema sócio-cultural central, investidos do poder de interpelar a ordem cultural abrangente (Corin ,1995:189).

Diante de limites e obstáculos socialmente engendrados, podemos observar indivíduos e grupos “à margem” da corrente dominante no acesso aos benefícios econômicos e culturais, que desenvolvem competências para atravessar universos de normas, fundando novas legitimidades sociais – concretizando o “diverso” através de suas trajetórias de vida. Nesse sentido, contrapõem-se às políticas de Estado, que pressupõe a fixidez e a estabilidade das populações enquanto objeto de sua intervenção.

Nesse quadro, identificamos a socialização do espaço apontada por Tarrius , segundo as lógicas da mobilidade. O sedentarismo deixa de ser essencial à manifestação do território, à medida em que se atribui sentido social ao movimento espacial. As

fronteiras político-geográficas, essencialmente territórios intersticiais, apresentam-se como casos emblemáticos de áreas de confronto entre o controle estatal e o que precisamente lhe escapa – mobilidades, apropriações e comércios clandestinos de pessoas e coisas. As ocupações urbanas e rurais, as apropriações de recursos naturais por grupos tradicionais organizados em torno de projetos de sobrevivência, buscam instituir novas legitimidades sociais temporárias, calcadas no uso social do espaço e direito simbólico ao lugar.

As populações “móveis” de migrantes no território nacional, assim como além das fronteiras, em tempos de globalização, extraem dela os benefícios do acesso rápido à informação de que necessitam, para potencializar seu conhecimento do “saber-circular”. Novas sociabilidades surgem, contatos se estabelecem e estratégias de superação de limites se desenvolvem – a agência se torna manifesta nas histórias individuais e nos destinos coletivos. Tais comunidade migrantes, sugere Tarrius, são capazes de gerar um vínculo social mobilizador de energias, facilitador de circulações que transcende a dimensão estritamente econômico-política das estratégias oficiais estatais, podendo desenvolver normas, valores e estatutos originais (Tarrius, 2000:52).

Podemos identificar na noção de “socialização de espaços” interfaces com os temas da **agência** dos atores sociais, da **sociabilidade** constituinte das relações sociais e da **ação política** traduzida em práticas diárias que não se conformam a um projeto político explícito. As “circunstâncias fundadoras” observáveis em movimentos sociais pela ocupação física e simbólica de espaços, bem como a criação de territórios de caráter provisório nas áreas de fronteiras e aqueles que podemos conceber como territórios circulatórios de grupos em movimento, com seus momentos de fixação, não seriam todas elas possibilidades de respostas políticas ao instituído ?

A dimensão do político, aponta Latour (2004), não deixa de ser sempre uma política das coisas – construir cidades, definir fronteiras e paisagens. Aqui nos defrontamos uma vez mais com a questão da perspectiva para se interpretar as configurações sociais contemporâneas. De um lado, se enfatiza um crescimento do controle político sobre as fronteiras físicas e as populações migrantes. De outro, se constata a intensificação das trocas e fusões, que Maffesoli chamou de “estéticas” – o estético enquanto emoções compartilhadas, sugerindo que a dinâmica do imaterial saída da agitação econômica e

cultural produz grandes obras materiais. Nessa perspectiva , as trocas são vistas como fundamento da agregação social (Maffesoli , 2001:59) que acrescento, extrapola fronteiras de todo tipo.

Me permito evocar aqui, recorrendo ao conceito maussiano comentado por Reinhardt, o “concreto circulante” resultante dos fluxos de sociabilidade – “onde as coisas e os homens se misturam e se temporalizam mutuamente, para posteriormente decidir o que são coisas, naturezas, “dados” e o que são pessoas, culturas, constructos”. O sentido estaria, segundo Reinhardt, na ação do agente, não em sua intenção (individualismo) nem num sistema simbólico que lhe correspondesse (holismo). A essa concepção corresponderia uma nova concepção de sociedade (globalizada , diríamos hoje ?) (...) um amplo e irrestrito sistema de trocas funcionando concretamente em um único nível significativo (...) em que a “coesão” se dá por relações cotidianamente construídas pelo caminho que vai do conflito à troca, da guerra à paz e vice-versa (Reinhardt, 2006).

- Identidades sociais para consumo e para a ação.

Na contemporaneidade as identidades são negociadas, descolam-se dos territórios de origem e constroem-se a partir de entrecruzamentos culturais. Territorialidades simbólicas são produzidas por agrupamentos de indivíduos que ocupam espaços tanto virtuais como concretos, ao mesmo tempo em que forjam-se identidades, amalgamando ou ressignificando seus traços de diferenciação em resposta a uma interatividade inescapável.

Variados são os recursos identitários mobilizados por indivíduos/grupos e apropriados pela cultura globalizada ; as culturas de origem – familiar, étnica ou nacional , podendo tornar-se produtos da “World Culture” consumida como politicamente correta, esteticamente “cult” e socialmente de “vanguarda”. Na atualidade nada há de mais “in” do que a diversidade cultural para consumo, quanto mais “mix” melhor – o “mélange” dos mesmos na valorização do diverso e do híbrido.

Por outro lado, a interpenetração de informações e valores resultante da mobilidade, propiciada por redes e fluxos no cenário contemporâneo , tem seus reflexos sobre a

ordem estabelecida. Surgem poderes paralelos nas margens que forçam a flexibilização das centralidades.

- Considerações finais.

A globalização econômica e a mundialização cultural associada à “era da informatização”, juntamente com os movimentos sociais (contestatórios , independentistas e libertários) da década de 70 em diante, contribuíram , ao meu ver, para um “vazamento” de fronteiras no último quartel do século XX , ensejando um padrão de mobilidade dos indivíduos e grupos que trespassa, intersticialmente, o controle social e estatal , se pautando antes pela **auto-determinação dos sujeitos sociais**.

A crítica dirigida aos estudiosos da pós-modernidade, questionando o uso de metáforas tais como fluidez , hibridismo , redes e dispersão sugere que essas não passam de expressões vagas para objetos não cientificamente circunscritos, que buscam implodir fronteiras e categorias consagradas. Há os que argumentem que a “globalização” teve seu início já no século XVI , com a expansão mercantil e que indivíduos em deslocamento sempre existiram – seja como comerciantes , desbravadores ou nômades existenciais. Que novidade haveria então na acentuada mobilidade contemporânea ?

Há também aqueles que vêem na idéia de globalização não mais que um instrumento ideológico da expansão capitalista ocidental , que busca tornar invisíveis o local e os saberes a ele associados , submetendo todos os povos à lógica do mercado. Nesse quadro, as identidades específicas (nacionais , étnicas) supostamente naufragariam no mar da modernidade individualizante.

Entre os opositores a essa perspectiva da fluidez, hibridismo e multiplicidade. Wacquant (2006) questiona os estudos que se ocupam de “pessoas e símbolos que ultrapassam lugares e fronteiras”, cujo trabalho de campo “estabelece conexões ao longo de vastas escalas geográficas e institucionais e descreve fenômenos transnacionais ou supostamente globais”; trabalhos de campo “multisituados” que colocam seus autores em “sintonia com seu tempo”. Empreitada talvez por demais ousada, na ótica do

autor, dada a falta (ainda) de conceitos analíticos consagrados por uma teoria normalizada academicamente.

Se as noções de fluxos e redes desagradam, fiquemos pois com os “intercâmbios”, que a meu ver assumem no contexto atual abrangência planetária, motivando a agência de grupos que se expressam localmente segundo as demandas concretas dos atores, mesmo que em contraposição à lógica englobadora do capitalismo internacionalizado. Não se sugere aqui qualquer tipo de homogeneização cultural resultante de uma difusão de referências e bens simbólicos do centro para as “periferias do sistema”. Mesmo porque contamos hoje com múltiplos centros irradiadores, os fluxos e contrafluxos apontados por Hannerz, e as respostas políticas geradas no plano concreto da sociabilidade se mostram antropofágicas em sua incorporação dos valores e informações globalmente veiculados – híbridos e multivariados.

A discussão sobre fluxos, fronteiras e híbridos que Hannerz apresenta como palavras-chave para uma Antropologia transnacional, gera polêmicas e dá a medida do desafio para os que se dispõem a desenvolver uma macroantropologia e uma Antropologia que se ocupe da interconexão das culturas.

Bibliografia

- Alvarez Jr., R. 1995 “The Mexican-US Border: The Making of an Anthropology of Borderlands” *Annual Review of Anthropology*, 24.
- Bauman, Z. 2005 Identidade : entrevista a Benedetto Vecchi. RJ: Jorge Zahar Ed.
2001 Modernidade Líquida. RJ: Jorge Zahar Ed.
- Corin, Ellen. 1995 Meaning games at the margins: The cultural centrality of subordinated structures. In *Beyond Textuality*. (...) Berlin: Mouton de Gruyter, 1995.
- Featherstone, M. 1995 Cultura de consumo e pós-modernismo. SP: Studio Nobel.
- Gruman, M. 2007 “(In) diferença” por excesso ? O lugar das identidades na

- contemporaneidade. *Rev. Espaço Acadêmico*, nº79 – dez 2007.
- Hall, Stuart. 2000 A identidade cultural na pós-modernidade. RJ: DP & A.
 - Hannerz , Ulf 1997 Fluxos, fronteiras, híbridos : palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana*, vol.3 - RJ , Abril 1997.
 - Kearney, M. 1991 “Borders and Boundaries of State and Self at the End of Empire” *Journal of Historical Sociology* , 4.
 - Kopytoff, I. 1987 The African Frontier. Bloomington : Indiana University Press.
 - Lipovetsky, G. 1983 A era do vazio. Lisboa:Gallimard.
 - Maffesoli , M. 2001 Sobre o Nomadismo:vagabundagens pós-modernas. RJ:Record.
 - Reinhardt , B. 2006 A dádiva da teoria – epistemologia e reciprocidade no circuito do “dado” antropológico. *Campos* 7 (1) , UnB.
 - Rosaldo, R. 1988 “Ideology, Place, and People without Culture”. *Cultural Anthropology* , 3. ..
 - Tarrius, Alain. Las circulaciones migratorias : conveniencia de la noción de “territorio circulatorio” . Los nuevos hábitos de la identidad. *In Leer, Describir, Interpretar. Relaciones* 83, vol XXI, Paris, 2000.
 - Velho, G. 1994 Projeto e Metamorfose – Antropologia das Sociedades Complexas. RJ: Zahar Ed.
 - Wacquant, Loïc. Pierre Bourdieu no Campo. In *Sociologia e Política*, nº 26, 2006.
 - Wolf, Eric. 1959 Songs of the Shaking Earth. Chicago : Univ. of Chicago Press.

Salvador, 24 de Abril de 2008

